

O DICIONÁRIO NAS ENTRELINHAS DE PESQUISAS

Amós Coêlho da Silva (UERJ)
amoscoelho@uol.com.br

RESUMO

Qual seria a importância de se saber que o latim e o grego, berço de nossa civilização, têm relação de parentesco, cuja denominação é indo-europeu? As entrelinhas de um dicionário. Radicais e elementos etimológicos latinos e gregos. A história das palavras; os retratos extraídos do “real”; os epítetos; os simbolismos contidos numa expressão poética como *imago mundi* e a palavra como relato mítico.

Palavras-chave: Morfologia. Etimologia. Semiologia. Simbolismo. Mito

1. Introdução

Qual seria a importância de se saber que o latim e o grego, berço de nossa civilização, têm relação de parentesco, cuja denominação é indo-europeu? Uma delas, e não entraremos em outras considerações importantíssimas, seria a de identificar a importância do “pater” como centro do universo cultural, inaugurador que fora de cidades e suas respectivas leis. Por exemplo, lê-se, na proposição épica de Vergílio, *Albanique patres*, que podemos traduzir como *os reis albanos, e não como “o pais albanos”* como o fez mais literalmente Maurice Rat na sua nova edição francesa da *Eneida*. Entretanto, em seguida fez o erudito francês uma nota informando que os albanos são os ancestrais dos romanos, já que Ascânio, filho do principal herói desta épica ocidental, Eneias, ou, revestido em seu outro nome, o epíteto Iulo, fundou Alba Longa, hoje *Palazzuola* (esta é outra informação de Maurice Rat).

Este epíteto “Iulo” é uma falsa etimologia, ou seja, *Iolum* ou *Iou-lom* (outros mencionam *Iobum*) funciona como um patronímico ancestral de Júlio César, o estadista mais importante de Roma, conforme até mesmo diria William Shakespeare na sua tragédia *Julius Caesar*. Como sabemos bem, o patronímico, um privilégio masculino, é um indicativo fundamental numa família. Assim, **Iouilos* por **diuulos*, relacionado, portanto, com *Iouis*, genitivo de *Iuppiter*, o deus do dia luminoso, cuja raiz indo-europeia é **Iou- il-*, *donde Iulo como Júlio seria o “luminoso”*. (BRANDÃO, 1993, p. 36 e 171) É que *Iulus* se relaciona a *Iulius*, *nomen* da *Gens Iulia*. Dentre as múltiplas reformas de Júlio César, temos em nosso calendário o mês de julho, introduzido após junho. O seu herdeiro

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Augusto César, introduziu em seguida o seu nome, que, em português, evoluiu para “agosto” (novamente vamos deixar de tocar em outras considerações importantíssimas aqui).

O indo-europeu foi um povo que se localizou, mais ou menos, na região do Cáucaso e emigraram, principalmente, rumo ao sul da Europa, fundando cidades e países da raça caucasiana, como se sabe o europeu, de tez branca. O comparativismo, firmado com fundamentos científicos a partir de estudiosos como Franz Bopp etc., é um marco inicial da Linguística moderna. Comparou-se, por exemplo, “*pater*” do latim, com “*patēr*” do grego, “*father*” do inglês, “*vater*” do alemão, “*pitar*” do sânscrito” ou, então, “*pés, pedis*” do latim, com “*poús, podós*” do grego, “*fo-ot*” do inglês, “*fuss*” em alemão, “*pada*” em sânscrito etc. Note-se uma possível constante no plano fonológico. Por exemplo, entre o latim e o grego “*p*” com bastante persistência, mas alternando para “*f*” (ou “*v*”) nas famílias linguísticas germânicas, na hindu, de base sânscrita, retornando a “*p*”. Desses cotejos, foi possível concluir uma raiz hipotética, colocando um asterisco à esquerda nestas hipóteses científicas) sempre com base numa das línguas da mesma família e o latim (além do osco e o úmbrio) é do grupo ítalo-celta; enquanto o grego é constituído dos aqueus, eólios, jônios e dórios etc.).

Mas quando se lê em Tácito que Nero foi um “parricida”, termo indicado pelo historiador em relação ao ato de Nero assassinar a própria mãe, nos causa estranheza. No Direito Romano, explica-se o assassinato de Nero como um parricídio (e não como matricídio), porque aquele que mata um membro consanguíneo tão próximo na família, ou seja, ele mata um membro familiar: em latim, *parentes*. Os estudiosos tentaram definir tal crime e surgem explicações as mais diversas. Uma delas é que quem pratica tal delito deve ser punido com um **parix* (termo sem documentação: saco de couro impermeabilizado com betume), como citou Anderson de Araújo Martins Esteves em sua tese de doutorado *Nero nos “Annales” de Tácito* – p. 116. Mas podemos atribuir uma outra interpretação, argumentado, primeiramente, a partir da etimologia, a importância de um “*pater*”, pedra angular na cultura ocidental e termo formador de cognatos importantíssimos como patronímico, formado do nome do pai, patriarcalismo, patricio, o nobre romano, patrimônio, pátria, patriarca etc. Para o termo “*mater*” só dispõe de uns poucos cognatos, matrona, maternidade, o que denota uma atividade social pobre. Não o é para “*pater*”, por exemplo, os senadores romanos eram invocados como “*patres conscrip-*

ti”, como lemos múltiplas vezes na obra mais famosa do orador Cícero, *As Catilinárias*.

Portanto, na esteira de Émile Benveniste, que tomemos a classificação semioloxemas, *que são os signos livres* (2006, p. 226) e os destaca dos semicategoremas, espécies de subsignos (elementos gramaticais: prefixos, sufixos, etc.) Destaquemos, doravante, a língua como um conjunto de signos, quando eles forem dotados de significação no interior de sua respectiva comunidade linguística, como o caso de “*pater*” e como acentua Émile Benveniste: *o signo é a unidade da semiótica*. (2006, p. 224)¹⁰⁷ Como ele propõe a palavra como a unidade semântica no âmbito da comunicação e a frase como a unidade semiótica no contexto de significação, recorta a noção de signo na relação sintagmática concretizada na frase, pois a frase é uma ideia, sob a condição sintagmática.

Assim, o termo crise em grego é κρίσις, litígio, luta, mas também significa decisão, juízo, já que o Homem ao emergir da natureza precisou lutar, porque passou do âmbito pontual das necessidades instintivas, ou seja, simplesmente comer, dormir e outras necessidades vitais, que a natureza demanda, para uma segunda alteridade, ora definida pela linguagem com sua pluralidade de objetos, quer dizer, *temos agora consciência de uma liberação do naturalismo*. (CASSIRER, Capítulo X *A História*, 1977, p. 272). E *apud* Ernst Cassirer, na mesma passagem, Ortega y Gasset, *A História como Sistema: O homem não tem natureza, o que ele tem é... história*. O sentido de “história” aqui é de linguagem. Assim, “*blue*”, azul, numa metáfora, em inglês, é “triste, melancólico”, *blues song*, canções de “tristezas”... no entanto, em português, azul pode significar “no auge, no entusiasmo”, como em Raimundo Correia: *No azul da adolescência as asas soltam...* No Houaiss e no Aurélio não há entrada ou indicação deste sentido do poema de Raimundo Correia. Se passarmos para a onomatopeia, verificaremos o pensamento humano com novos matizes. O mais curioso é que estamos dominados pela linguagem e não percebemos mais o “real” sensível. Por isso ouvimos a voz do cachorro emitindo “au, au” em português, mas “Por exemplo, o ladrar do cão é reproduzido em inglês como “*bow-wow*”. Há linguistas que defendem que o efeito onomatopaico depende da situação em que se pronuncia uma palavra”. (Onomatopeia. *E-Dicionário de Termos Literários*, Carlos Ceia)

¹⁰⁷ O linguista francês utiliza os termos semiótica e semiologia como sinônimos.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Tal luta, a passagem do mundo da natureza para a história, se define como um dualismo entre o ser natural e *homo sapiens*, o vir a ser ou ter uma nova identidade... Os historiadores da Renascença, conforme Ernst Cassirer (273 e sequência), atribuíram ao homem este poder de dominação existencial sobre a terra. Debate, contudo, o fato de o homem ter “consciência histórica”, como identidade ímpar sobre o planeta, mas não se concretizarem suas esperanças futuras que ficaram mergulhadas unicamente no seu passado, sob o fluxo temporal e sob o polimorfismo da vida humana. Afirma ainda que o homem, ao notar o problema do tempo, ou melhor, quando seus desejos e necessidades imediatas começaram a não ser correspondidos adequadamente, ele foi buscar resposta na origem mítica, e não mais na origem histórica.

A filosofia investiga os arcanos do Homem como *animal ridens* ou *homo sapiens*. O poeta colabora também com símbolos sobre o homem. Ora, Ernst Cassirer (Capítulo II - *Uma Chave para a Natureza do Homem: o Símbolo*: 51) chama o homem, na sua interação temporal ou espacial, de *animal symbolicum*. A tessitura poética se projeta diluída num amálgama de linguagens, verbal e não verbal, como a própria etimologia de *symbolicum*: ‘sym’, reunião, ‘-bol’, lançar, ‘icu-’, relativo a –lança(-r/-do) ao mesmo tempo. Compreendemos como característico da natureza humana: a referência ao futuro. Cassirer (*Antropologia Filosófica: Ensaio sobre o Homem*, 1977: 92) nos auxilia: "Vivemos muito mais de nossas dúvidas e temores, ansiedades e esperanças ligadas ao futuro, do que de nossas recordações ou de nossas experiências presentes". No imaginário helênico, este fato se alegorizou no mito de Pandora. Aberta a caixinha, todos os bens (numa das versões são “os males”, que povoaram a terra e a esperança ficou presa na borda da jarra) se evolveram e só sobrou dentro da caixinha a esperança. Cassirer (*Idem, ibidem*, p. 86) se apoia em Kant, e sublinha: "No dizer de Kant, o espaço é a forma de nossa 'experiência exterior', o tempo é de nossa 'experiência interior'". Cassirer reforça sua argumentação com Heráclito nesta sua reflexão: "O que disse Heráclito vale para toda a vida orgânica: 'Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio'". (*Idem, ibidem*, p. 87)

Em uma outra obra, *Linguagem e Mito*, Ernst Cassirer comenta como Kant definiu “realidade” no pensamento discursivo e o delimitou "mediante a consideração de que é preciso designar como 'real' todo conteúdo da percepção empírica, na medida em que seja determinado por leis gerais e, destarte, ordenado na uniformidade do “contexto da experiência” (p. 75). Mas o pensamento mítico e a concepção primitiva não de-

lineiam o “contexto da experiência”, já que esta função só poderia ocorrer na liberação, na diferenciação e na individualização.

Cassirer fundamenta o método de interpretação mitológica pela investigação linguística, em geral, e a etimológica, especificamente, “como veículos de interpretação” (2003, p. 17). No campo da mitologia, a palavra é mágica. “Quanto maior o poder de um ser, e quanto mais eficácia e ‘significação’ mítica contém, tanto mais se estende a significação de seu nome”. (CASSIRER, 2003, p. 71) Um cristão fervoroso dirá: “em nome de Deus, em nome de Cristo, em vez de dizerem: em Deus e em Cristo” (*Idem*, p. 71-72). Donde a importância do epíteto.

2. A leitura dos sentidos das palavras

A leitura de “O Vocabulário” em Othon M. Garcia, *Comunicação em Prosa Moderna*, nos dá a dimensão da importância da linguagem na educação do gênero humano. O autor nos menciona uma pesquisa em que um especialista (Dr. Johnson O’Connor) “submeteu a teste de vocabulário cem alunos de curso de formação de dirigentes de empresas industriais” (2002, p. 64). Depois de cinco anos, se verificou o percentual de 10%, que revelou mais domínio de vocabulário, ocupando os cargos de direção e o percentual de 25%, que demonstraram um domínio “fraco”, sem ocupar nenhum cargo de direção. Admite ainda que para *vencer na vida* não é suficiente um bom vocabulário. Mas é inegável a importância de um domínio de vocabulário, tanto na recepção de mensagens como na formulação da expressão do pensamento de maneira clara e precisa. Sem palavras não se pensa.

Dentre as múltiplas leituras recorridas por Othon M. Garcia, encontramos o triângulo de Ogden & Richards.

Os exemplos comentados por Ogden & Richards nos permitem afirmar que, devido à fluidez do significado das palavras – ou seja – do “referente”, há múltiplas interpretações para um mesmo texto. Assim, seguindo, neste momento, os passos de Umberto Eco em *Obra Aberta*, vamos admitir “símbolo” como signo da linguagem verbal na palavra “cão” (ECO, 1971, p. 111). Há neste termo uma relação sem motivo e não natural com aquilo que este indica, ou melhor, *o cão propriamente dito* (*Idem*, 112). Em outro idioma, teríamos à esquerda do triângulo outro segmento fônico e nem por isso haveria mudança na relação com o “referente”. Se alterarmos a referência, teremos novidade, porque é a media-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

ção entre o “símbolo” e o “referente” é dada pela “referência”. Isto é o que alguns estudiosos chamam *conceito*, outros, *imagem mental* e até a *condição de uso do “símbolo”*. Há uma estreita relação entre “símbolo” e “cão”. Ao se tentar dizer “cão”, não se pode dispor de outro recurso para se exprimir que não seja o “símbolo”. Ao se ouvir “cão”, devido à referência, se pensará no “símbolo” “cão”. Mas há “símbolo” sem referente, como é o caso do *unicórnio* (*Idem*, p. 112). A semiologia é o estudo do lado esquerdo do triângulo de Ogden e Richards (*Idem*, p. 113). Aí residem “numerosos fenômenos de significação”. (*Idem*, p. 113)

Quando Othon M. Garcia interpreta na leitura de Ogden & Richards que “as palavras por si mesmas nada significam, a cada novo contexto elas adquiririam significação diferente” – ainda se refere àquele fato afirmado também por Umberto Eco sobre a mediação da referência entre o “símbolo” e o “referente”. Ora, conforme o estudioso italiano, se for usada uma estratégia simples num âmbito de comunicação, como, por exemplo, apenas apontar o objeto sem construção de texto mais elaborado, talvez se pudesse sair desse emaranhado. Será que se apontaria para uma “vaca” e também estaria resolvida qualquer dificuldade de sentido da mensagem?

Em primeiro lugar, tomemos “sentido” como diferente de “significado”. Qual é o “significado” de “vaca”? É um animal dotado dos seguintes semas: vertebrado, mamífero, quadrúpede, doméstico, fêmea etc. Porém, se a referência viesse de um hindu, e não de uma referência de um ponto qualquer do globo terrestre, ocorreria uma significação totalmente diferente a partir de um sema religioso: para eles, a “vaca” é elemento do sagrado. Ou seja, “referência” corresponde a uma outra cultura. Aí é que alcançamos o “sentido”.

A mesma coisa se pode exemplificar com a palavra “senhora”. Em Joaquim Manoel de Macedo, *A Moreninha*, “senhora” apresenta semas bem diferentes de Aluísio Azevedo em *O Cortiço*. Com diferenças evidentes de época, em *A Moreninha*, surpreendemos o fato de uma menina de quinze anos ser tratada por *senhora*, como elemento a ser interpretado, já que uma possibilidade de leitura, no vasto sistema, ou seja, no mundo, seria a de uma repressão sexual por trás dessa cerimônia social. Em Aluísio Azevedo, o termo “senhora” é enriquecido com um diminutivo e afirma o Autor de *O Cortiço*, em paralelismo com uma outra personagem, *Pombinha: Chamavam-lhe Pombinha*. Quer dizer, a comunidade do cortiço a batizou com este “símbolo”. Por iteratividade, o mesmo acontece com a filha do Jerônimo: “Crismaram-na logo com o cognome

de 'Senhorinha'" (p. 131, cap. 19). O próprio Autor nos auxilia na leitura, quando afirma que, naqueles moradores antigos – como ocorrera com a Pombinha – "havia uma necessidade moral de eleger para mimoso da sua ternura um enteuzinho delicado e superior, a que eles privilegiavam respeitosa e, como súditos a um príncipe". (*Ibidem*) A afetividade da comunidade está expressa no sufixo -inho e o elemento simbólico de contemplação / sacralização no nome pomba, que, na tradição judaico-cristã, representa o Espírito Santo, ou seja, a pureza e simplicidade, uma mensagem de paz, harmonia, esperança e felicidade. O que dizer, então, de "senhora"? É claro que se trata de Nossa Senhora, a mãe de Jesus. Tudo isso forma implícitos (repetição de diminutivos, da sacralidade do nome, isto é, "semas", unidade mínima de significação (DUBOIS *et alii*: 1978) etc.) que devem ser orientados na leitura de um discurso literário.

Como se sabe, a semiologia em Saussure se apresenta como um ramo da psicologia social, ou seja, um quadro maior que abrange a linguística. Mas, se ancorarmos nossa leitura em Roland Barthes, seremos forçados a admitir que qualquer sistema semiológico, como código de trânsito ou de alimentação de um povo etc., se impregna de linguagem; donde a semiologia é que seria um ramo da linguística.

Por isso, Othon M. Garcia passa daquela leitura, que ele citou, quer dizer, Ogden & Richards, que se prendem a uma análise da linguagem também não verbal, afirmando que tal mediação *tornaria praticamente impossível a própria intercomunicação*. (176) E retoma o debate, introduzindo o dicionário. Este caminho percorrido por Othon M. Garcia, é semelhante ao de Mattoso Câmara (1970, p. 22):

Assim, uma língua, em face do resto da cultura, é: -1) o seu resultado, ou sùmula, 2) o meio para ela operar, 3) a condição para ela subsistir. E mais ainda: só existe para tanto. A sua função é englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la através das gerações.

Tudo isto opõe a língua ao resto da cultura, ou cultura "stricto sensu", e torna necessária uma ciência independente para estudá-la – a LINGÜÍSTICA, distinta da ANTROPOLOGIA CULTURAL ou ETNOLOGIA, que estuda todas as outras manifestações culturais.

Para nos encontrarmos, temos de retomar Saussure com o que ele denominou "valor linguístico", que é o "sentido" de um elemento, considerada a sua posição dentro de um sistema linguístico. A união entre o som vocal, admitindo-o como possibilidade combinatória, e um conceito, imbricado num sistema, resulta numa forma e não numa substância.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

É no conjunto das “relações” em “oposição” entre as unidades linguísticas no interior do sistema que encontraremos o “valor linguístico”. Assim, (BENVENISTE, 1995, p. 23):

A noção positivista do “fato” linguístico é substituída pela de “relação” (*Idem*). Ao invés de considerar-se cada elemento em si e de procurar-se a sua “causa” num estado mais antigo, encara-se cada elemento como parte de um conjunto sincrônico; o “atomismo” dá lugar ao “estruturalismo”.

Na questão da “Polissemia e contexto”, considerando a linguagem, seja na comunicação *oral ou escrita, mímica ou semafórica*, como *um sistema de símbolos*, nascido de um pacto social e proveniente de histórica convivência que amadurecerá o valor do símbolo à medida que o grupo social aprovar e aceitar um “valor linguístico” (SAUSSURE, p. 157) Para um dado sentido,

La collectivité est nécessaire pour établir des valeurs dont l'unique raison d'être est dans l'usage et le consentement général: l'individu à lui seul incapable d'en fixer aucune.

A coletividade é necessária para que se estabeleça os valores dos quais a única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar nele qualquer valor que seja.

Em edições antigas, liam-se mais considerações sobre os dois exemplos de Othon M. Garcia a respeito de *linha e ponto* retirados do *Dicionário de Laudelino Freire*. O Autor de *Comunicação em Prosa Moderna* afirmou naquelas edições que as palavras *linha e ponto* teriam, respectivamente, 165 e 117 sentidos. A do ano 2002 se restringe a dizer *cerca de cem acepções*. Inclusive, é interessante refletirmos quais seriam aqueles sentidos?

Uma outra citação *in* Otto M. Garcia é a leitura de Karl Bühler a respeito das funções primordiais da língua. Assim, para expressar o mundo biossocial, temos na tradução do Mattoso Câmara¹⁰⁸, a função “representativa”, sempre que usarmos a língua em sua capacidade de fazer um recorte do mundo exterior. Se a finalidade for exprimir sentimentos, exploraremos a função de “exteriorização psíquica”. Na tradução de Roman Jakobson para a língua portuguesa, se fala em função “emotiva”, que parece termo mais simples e eficaz. Ao contrário da tradução que foi feita de Roman Jakobson para o português, quanto à finalidade persua-

¹⁰⁸ Othon M. Garcia, neste passo, não cita expressamente Mattoso Câmara, mas está em sua bibliografia.

siva de língua, ou seja, “conativa”, temos “apelo” – esta expressão “apelo” está em *Comunicação em Prosa Moderna* – ou “atuação social” e que ambas foram palavras indicadas por Mattoso Câmara, e nos parecem mais precisas.

Propõe-se ainda Othon M. Garcia uma leitura sobre denotação e conotação e nota-se nas entrelinhas atualidade bibliográfica do Autor. Cita expressamente Umberto Eco, *A estrutura ausente*. Comenta a palavra “cão” com seus múltiplos semas: animal doméstico, mamífero, quadrúpede, canino – assertiva semântica introduzida por Greimas.

Ainda traz à luz que *toda metaforização é conotação, (... mas) nem toda conotação é metaforização*. (2002, p. 180)

Sobre a importância da metáfora é preciso completar que ela não é conotação quando se trata de um eixo formador de polissemia. Voltemos à palavra “linha”. A “linha de mira” é de sentido denotativo e nessas metáforas consagradas (O telefone deu “linha”, perder a “linha”, “linha” melódica...) ainda temos denotação e a metáfora é um recurso de formação do abstrato.

3. *Problemas linguísticos em traduções latinas*

Publius Vergilius Maro (70-19 a.C.), Vergílio, cujo verdadeiro nome é a forma onomástica Vergilius < *uerg (cf. gr. ‘érgon’, ação; trabalho; ‘enérgeia’, energia), mas a latinidade cristã, que admirava o seu caráter dócil, associou o seu nome a uirgo (virgem); daí, em port. Virgílio, em fr. Virgile, em ingl. Virgil. Estudou também em Roma. Em 42 a.C., após a batalha de Filipos, teve as suas terras gaulesas confiscadas e distribuídas entre os veteranos de guerra de Otaviano. Foi a Roma e consegue recuperar os seus domínios, mas é confiscado pela segunda vez. Mecenas, ministro de Otaviano, cujo nome se torna um substantivo comum com o significado de “protetor da arte”, dá-lhe uma boa compensação, além de uma propriedade em Nola. Vergílio escreveu em versos hexâmetros datílicos as seguintes obras: as *Bucólicas*, ou *Éclogas*, as *Geórgicas* e a *Eneida*. Críticos atribuem a Vergílio a autoria de outros textos da sua fase juvenil no *Appendix Vergiliano*.

ARMA virumque cano, Troiae qui primus ab oris
Italiam, fato profugus, Laviniaque venit
litora, multum ille et terris iactatus et alto

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

vi superum saevae memorem Iunonis ob iram;
multa quoque et bello passus, dum conderet urbem,
inferretque deos Latio, genus unde Latinum,
Albanique patres, atque altae moenia Romae.

(VERGÍLIO, *Eneida*, 1, 1-7)

Canto as armas e o varão, que, como pioneiro, veio
Das praias de Troia, afugentado pelo destino, para a Itália e
Litoral Lavínio, muito ele foi agitado nas terras no alto mar
Pela força dos deuses superiores, pela ira lembrada da cruel Juno;
Também sofreu muitos trabalhos na guerra, enquanto fundasse a cidade,
E transferisse os seus deuses para o Lácio, donde (surgiram) a raça latina,
Os reis albanos e as muralhas da poderosa Roma.

A simples leitura da tradução não reflete complexidade das entrelinhas do discurso poético vergiliano. Por exemplo, ao épico o interesse se volta para apresentação; assim, descrição e narrativa se sucedem propiciando inspiração à arte figurativa, ou como quadros de pintura, ou como aquela escultura em mármore, intitulada “Laocoonte e seus filhos”, no museu do Vaticano.

Daí, a evidência do guerreiro, devido à redução da expressão linguística, dada a construção da sinédoque, ou seja, a relação por contiguidade, ou melhor, a parte (*as armas*) pelo todo (*o guerreiro Eneias*) neste primeiro verso: *arma, orum*.

O Poeta canta *as armas* e o sentido ímpar do herói, que exige do leitor um pouco mais de conhecimento da língua latina: *vir* não pertence a uma lista extensa de palavras dentro do seu grupo mórfico ou declinação; a segunda declinação apresenta a seguinte pauta: o grupo *-us*, como *mundus, i, lupus, i, corvus, i*, etc. – todas estão em português: *mun-do, lo-bo, corvo*; o grupo *-er*: *ager, agri, liber, bri, caper, pri* – todas também estão em português, mas com alguma modificação na história interna: *-b > -v-*, *livro*; usado no diminutivo: *cabrito* e externa: *agr-, campo*, em agronomia, agricultura etc. Os neutros em *-um*: *templum, i, membrum, i* etc., marcam sua presença com formas semelhantes em português: *tem-plo, membro* etc.

Mas *vir, viri* compõe sozinha o tipo *-ir*, sem concorrência de outra palavra com esta terminação. E, no máximo, dela se tiram derivados, como é *triumvirato*, que passou ao português. Não poderia ser de outra forma, já que em grego um ‘*ánthropos*’, que corresponde no latim ao *homo, hominis*, não poderia ser um herói – pertencem em ambas as línguas a listas extensas, paradigmaticamente em latim (“-o”: “*homo, hom(inis)*; “*origo, orig(inis)*” etc.). O que pode ser um herói é um ‘*áner*,

andrós'. É que *homo*, *homem*, tem a mesma raiz de *humus*, *barro*, *argila*... Donde a singularidade do *vir*, que significa as qualidades *viris* do homem. Em Cícero, *Tusculanae Disputationes*, 2, 55: *rusticanus vir, sed plane vir, um homem rústico, mas verdadeiramente um homem*.

Uma outra dificuldade, observa Michel Bréal (1992: *A restrição do Sentido*). Não há ajuste na significação de uma expressão: ora ela é muito ampla, ora demasiadamente restrita. É o caso do adjetivo *altus* que observamos a seguir. No texto, usou-se *terris, nas terras*, em oposição a *alto, no mar*, com elipse da palavra *mar* em latim. Atribui-se ao adjetivo latino *altus* uma significação dupla: *alto* e *profundo*. *Altus* se prende ao verbo *alo* (cujo supino podia ser *altum / alitum*), *alimentar, nutrir*... O particípio se especializou no sentido de *alto, que tem crescido et n'a plus de rapport sémantique avec le verbe, e não tem mais relação semântica com o verbo*. (ERNOUT & MEILLET, 1985: *alo*) Porém, o Poeta ainda lança mão do sentido etimológico de *altus* quando determina (*atque moenia*) *altae Romae, (e as muralhas) da poderosa Roma*.

De modo que *restrição de sentido tem, há muito tempo, causado surpresa aos etimologistas*. (p.85) Ressalta as *objeções de Quintiliano a respeito de "homo": 'cremos', diz ele, 'que "homo" vem de "humus", porque o homem nasceu da terra, como se todos os animais tivessem a mesma origem?'* Completa M. Bréal que *"homines" significa "os habitantes da Terra". Era uma maneira de opô-los aos habitantes do céu, "Dii" ou "Superi"*.

Émile Benveniste seguirá outro atalho, ms alcançará o mesmo resultado, assim:

A dupla significação que se atribui ao latim "altus", como "alto" e "profundo", se deve à ilusão que nos faz tomar as categorias da nossa língua como necessárias e universais. (p. 87) (...)

Uma linguagem é, em primeiro lugar, uma categorização, uma criação de objetos e de relações entre esses objetos. Imaginar um estágio da linguagem, por mais "original" que se queira, mas apesar disso real e "histórico", em que um certo objeto seria "denominado" como sendo ele próprio e ao mesmo tempo qualquer outro, e em que a relação expressa seria a reação de contradição permanente – a relação não relacionante –, em que tudo seria ele mesmo e outro que não ele – portanto nem ele mesmo nem outro – é imaginar uma pura quimera. (p. 89)

No quarto verso a hipálage, ou seja, o realce dos determinantes cruel (*saevae*) e (*memorem*), promove a possível tradução: *pela ira lembrada da cruel Juno* em lugar de *pela ira cruel da lembrada Juno*... Ou-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

tras dificuldades são os dois zeugmas, ou elipses das preposições *in* – (*in Italianum*) e *ad* – (*ad litora Lavinia*); além disso, há a elipse do auxiliar de voz passiva *est* e ficou subentendido *surgiram* que seria em latim *orti sunt*.

4. Conclusão

A *Eneida* é um poema composto de doze livros, iniciado no ano 30 a.C. e não chegou a ser revisado pelo Poeta. A intenção é difundir a crença lendária de que os romanos descendiam dos troianos e que Otávio, que passou a Otaviano quando foi adotado por Julio César, e se tornou Augusto, proveniente do adjetivo *augustus*, *a*, *um* (derivado de *augere*: *fazer crescer, amplificar*) Muitas vezes, a metáfora afasta de tal forma a significação de uma palavra que nos admiramos quando consultamos o dicionário. A principal fonte de inspiração de Vergílio foram os poemas homéricos. Embora tivesse trabalhado dez anos, não conseguiu deixar o poema como queria e, por isso, pediu a Augusto que os destruísse, pedido que não atendido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Trad.: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. e *Problemas de linguística geral II*, Trad.: Eduardo Guimarães *et alii*. Campinas: Pontes, 1995 e 2006 (respectivamente).

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e religião romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. São Paulo: Pontes, 1992.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. Trad.: J. Guinsburg e M. Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem. introdução a uma filosofia da cultura humana*. Trad.: Vicente F. de Queiroz. São Paulo: Mestre Jou: 1977.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. Tradução coordenada por Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la grecque – histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1999.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANDT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

D'HAUTERIVE, R. Grandsaignes. *Dictionnaire des racines des langues européennes* (grec, latin, ancien français, francês, espanhol, italiano, inglês, alemão). Paris: Librairie Larousse, 1949.

ECO, Umberto. *A estrutura ausente*. Trad.: Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *Obra aberta: formas e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Trad.: Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1971.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1985.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire illustré latin français*. Paris: Hachette, 1934.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1967.

_____. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, [s/d.].

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Encadernadora, 1932.

RECTOR, Mônica. *Para ler Greimas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

SPALDING, T. O. *Pequeno dicionário de literatura latina*. São Paulo: Cultrix, [s/d.].

TRASK, R.L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Trad.: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.